

# NADA DE NOVO?

Por STANLEY FRANK



ERICH MARIA REMARQUE

O ROMANCE mais popular e apaixonado nascido da primeira Guerra Mundial foi o *Nada de novo na frente ocidental*, de Erich Maria Remarque — escrito dez anos depois de terem cessado, formalmente, os tiros. Esse fato tem grande significação, não apenas para os escritores mas para os milhões de homens e mulheres que voltam à pátria experimentados pela guerra.

“Antes que um homem possa olhar objetivamente para uma experiência tremenda como guerra, suas emoções precisam esfriar,” diz Remarque. “Ele foi abalado por um terremoto. Não pode construir bem enquanto o chão ainda estiver tremendo sob seus pés. Mas a recordação trabalha maravilhosamente para todos os homens, inclusive escritores. Se um homem esperar antes de escrever o livro que deseja, suas impressões serão filtra-

das pela recordação e ele ficará somente com as coisas reais que deseja dizer.

“Sabe qual é a minha impressão mais forte da primeira Grande Guerra? Em certa véspera de Natal, nas trincheiras, foram declaradas umas tréguas. Encontramo-nos com os soldados franceses, na Terra de Ninguém, para trocar pequenos presentes — fumo, doces, pedaços de comida.

“Quando voltamos para o nosso lado, tive a atenção despertada por um homenzinho, antigo sapateiro, que chorava afastado de todos. Perguntei-lhe o que havia. “Acabo de conversar com um soldado francês, também sapateiro,” disse-me ele. E’ um ótimo homem, com família. Corta os sapatos do mesmo modo que eu. Por que devo matá-lo amanhã? Por que não podemos voltar para casa e fazer sapatos?”

*Nada de novo na frente ocidental* foi o terceiro romance de Remarque, mas o primeiro a ser publicado. Foi escrito quando ele contava trinta anos. Representou o seu protesto exaltado e forte contra a guerra e contra o que ela faz às pessoas, de todas as espécies. E ele o escreveu a fim de que seus leitores também protestassem.

“Há certa passagem na qual um rapaz é mortalmente ferido,” continua Remarque. “Ele não viverá mais do que um dia e seus amigos, que cresceram com ele, sabem disso. O homem ferido possui um par de botas de ótima qualidade do qual os amigos gostariam de se apoderar após a sua morte. Se o rapaz morresse

durante a noite, poderiam apanhar as botas; mas se ele durasse até o dia seguinte a Cruz Vermelha ficaria com elas. Fiz meus personagens ficarem esperando, sem piedade, que o amigo morresse rapidamente, e falando apenas sobre as tais botas de ótima qualidade.” Remarque levantou o punho cerrado para o ar. “Queria torturar o leitor até que ele gritasse: “Como pode alguém ser tão monstruoso? Como podem se portar de modo tão bestial quando o amigo está morrendo?”

“Queria que o leitor percebesse por si mesmo que a guerra priva os soldados de todos os instintos decentes, transforma-os em animais. A estupefação vem do leitor, não dos personagens. Assim, o protesto do autor contra a guerra torna-se mais eficaz.”

O protesto não foi suficiente. Veio a segunda Guerra Mundial. Mas Remarque acredita que os homens devem protestar e que os escritores devem servir de eco a esses protestos, se o mundo quiser viver. “Desta guerra nascerão alguns livros verdadeiramente grandes,” diz ele. “E isso porque ela foi mais dramática do que a nossa. Tudo que fizemos foi ficar sentados nas trincheiras, dificilmente vendo o inimigo, esperando que a artilharia nos matasse.

“Naquela época, o tédio era o inimigo principal, e não se pode descrever o tédio sem entediar o leitor.

“Esta guerra, porém, foi muito diferente. Agora, lutamos contra idéias, não contra pessoas. Ela foi um desafio ao espírito.”